

“Nossos filhos na mata”: memórias e representações da Guerrilha do Araguaia

“Nossos filhos na mata”: memories and representation of the Araguaia Guerrilla

Carmem Zeli de Vargas Gil¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação – UFRGS/FACED
Porto Alegre, RS, 90040-060, Brasil

Luiza Ribeiro Moraes²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas –
UFRGS/IFCH
Porto Alegre, RS, 91509-900, Brasil

Marina Ribeiro Vieira³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas –
UFRGS/IFCH
Porto Alegre, RS, 91509-900, Brasil

Natália Sanson de Borba Oliveira⁴

¹ Doutora em Educação pela UFRGS (2009). Estágio pós-doutoral na UBA/Argentina, com auxílio CAPES (2015). Atualmente é professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua na área de Ensino de História. Professora no Mestrado Profissional em Ensino de História. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3455-3960>. E-mail: carmemz.gil@gmail.com.

² Graduanda em História Licenciatura na UFRGS. É pesquisadora do projeto Alianças Conservadoras da Faculdade de Educação (FACED), com vínculo voluntário. Além disso, atuou como pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre os Usos Políticos do Passado (Luppa), vinculado ao Departamento de História, com bolsa de iniciação científica entre 2020 e 2023. ID Lattes: 3387900064846200. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4354-0424>. E-mail: luizarmoraes@gmail.com.

³ Graduanda em História Licenciatura na UFRGS. É bolsista de extensão no projeto Programa de Educação Patrimonial UFRGS/APERS e no projeto Arquivo Para Todos – Acessibilidade Para Educação Patrimonial em História. No ano de 2023 foi bolsista de iniciação científica no projeto "Monitoramento e avaliação da qualidade da oferta da Educação Infantil no âmbito de sistemas de ensino: relevância e conteúdo". ID Lattes: 9866943018889902. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8412-4470>. E-mail: malirv02@gmail.com.

⁴ Graduanda em História Licenciatura na UFRGS. Atualmente é professora de história voluntária no Cursinho Pré Vestibular Popular Projeto Educacional Alternativa Cidadã (PEAC). Entre os anos de 2022 e 2023 atuou como Bolsista de Iniciação Científica no projeto "A Aula Inacabada: democracia, utopia e ensino de história". Também atuou em projetos de extensão como UFRGSMUNDI (2023) e Oficina de História (2023-2024). ID Lattes: 0565614412045225. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6650-278X>. E-mail: nataliasanson25@gmail.com.

⁵ Graduanda em História Licenciatura na UFRGS. Atua como estagiária no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. ID Lattes: 2399904144077971. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9367-7154>. E-mail: vanessa.cezar61@gmail.com.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas –
UFRGS/IFCH
Porto Alegre, RS, 91509-900, Brasil

Vanessa Correa Cezar⁵
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas –
UFRGS/IFCH
Porto Alegre, RS, 91509-900, Brasil

Resumo: O artigo resulta de uma experiência na disciplina de Estágio de Docência em História - Educação Patrimonial, oferecida pelo Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O trabalho foi realizado através do acervo de Ermelinda Bronca, que está salvaguardado no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, e do acervo pessoal de Sônia Haas. A atividade, destinada aos estudantes do Ensino Médio, contextualiza a Guerrilha do Araguaia, visando humanizar a atuação desses guerrilheiros, e compara as suas representações nos Jornais *Zero Hora* e *Tortura Nunca Mais*. Dessa maneira a ação é dividida em três momentos: apresentação do acervo e contextualização da Guerrilha, análise dos jornais e, por fim, reflexão sobre as representações do Araguaia nos referidos jornais. Optamos por priorizar as experiências e representações de quatro guerrilheiros: Dina, Osvaldão, Bronca e Juca. Assim, os estudantes analisam fontes primárias e desenvolvem um olhar crítico das representações midiáticas sobre a Guerrilha do Araguaia.

Palavras-chave: ditadura militar; memória; imprensa; representações; violência de estado.

Abstract: This article has been adapted from the lesson planning for the course "Teaching Internship in History - Patrimonial Education", associated with the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). The work was conducted using the collection of Ermelinda Bronca, preserved at the Historical Archive of Rio Grande do Sul, and the personal collection of Sônia Haas. The activity aims to humanize the experiences of the Araguaia Guerrilla, contextualize the Guerrilla, and compare its representations in the newspapers *Zero Hora* and *Tortura Nunca Mais*. The activity is divided into three phases: presentation of the collection and contextualization of the Guerrilla, division of students into groups for newspaper analysis, and finally, reflection on the representations of Araguaia. We chose to focus on the experiences and representations of four guerrillas: Dina, Osvaldão, Bronca, and Juca. In this way, students analyze primary sources and develop a critical perspective on the media representations of the Araguaia Guerrilla.

Keywords: military dictatorship; memorie; press; representation; state violence.

1. Introdução

O artigo resulta de uma experiência na disciplina de Estágio de Docência em História - Educação Patrimonial, oferecida pelo Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Na primeira parte, apresentamos uma reflexão sobre o ensino da ditadura civil-militar através do patrimônio e sobre o que foi a Guerrilha do Araguaia. Na sequência, discute-se o conceito



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

de Educação Patrimonial com o qual operamos na atividade. Na terceira parte, propomos uma reflexão sobre o uso de jornais para o ensino de História. Por fim, discutiremos de forma mais aprofundada a proposta da atividade educativa bem como seus objetivos e a avaliação de aprendizagem.

Nosso projeto se desenvolveu com o apoio e supervisão do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRS), que está localizado no segundo andar do prédio do Memorial do Rio Grande do Sul, antigo prédio dos Correios, no centro histórico de Porto Alegre. É uma instituição da Secretaria de Estado da Cultura (Sedac) e a sua função primordial é a guarda e a conservação da documentação histórica de origem política, sobretudo do Poder Executivo e privada. O Arquivo Histórico nasceu após a criação da Lei nº 2.345, de 29 de janeiro de 1954. O acesso ao acervo é público, gratuito e irrestrito, bem como as exposições propostas pela Instituição a partir da documentação sob sua guarda.

O material utilizado como fonte para o desenvolvimento da atividade foi o acervo pessoal de Ermelinda Mazzafero Bronca, mãe de José Huberto Bronca, guerrilheiro que lutou contra a Ditadura Cívico-Militar no Araguaia. Após seu falecimento, sua filha e irmã do guerrilheiro Bronca, Maria Helena, doou o acervo para o Arquivo Público do estado do Rio Grande do Sul. A documentação é constituída por uma série de cartas, recortes de jornais e revistas, informações sobre a infância e até troféus de seu filho, desaparecido político. Com o objetivo de trabalhar as fontes ligadas à imprensa sobre o assunto, selecionamos alguns recortes de jornais que foram guardados por Dona Ermelinda e construímos a atividade, a partir da história dos guerrilheiros, narrada pela imprensa e recortada pelo olhar de uma mãe que aguardou até o fim da vida por justiça. Além disso, utilizamos o acervo pessoal de Sônia Haas, irmã de João Carlos Haas Sobrinho, também guerrilheiro e desaparecido político no Araguaia, cedido por ela para esta atividade.

Os objetivos de aprendizagem centraram-se em contextualizar a Guerrilha do Araguaia enquanto situação limite na Ditadura Militar; comparar as representações da Guerrilha do Araguaia no jornal *Zero Hora* e *Tortura Nunca Mais*; humanizar as vivências dos guerrilheiros Bronca, Juca, Osvaldão e Dina; problematizar as rupturas e continuidades da violência estatal e as reações das vítimas e de suas famílias. A atividade foi orientada pelas seguintes perguntas “Como os Jornais *Zero Hora* e *Tortura Nunca Mais* abordam a guerrilha do Araguaia e seus participantes (militares,



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

guerrilheiros e familiares)?" e "Como essas representações traduzem diferentes projetos políticos no Brasil pós Ditadura?"

2. A representação da Guerrilha do Araguaia em sala de aula: desafios e potencialidades

O ensino sobre a ditadura civil-militar no Brasil é um tema desafiador para o professor de história. O período de 1964 a 1985 é alvo de diversas disputas sobre seus significados: um passado sensível com desdobramentos nas bases da nossa democracia. Como aponta Sônia Meneses (2019):

Nos últimos anos, o tema da ditadura militar brasileira assumiu o primeiro plano nos debates sobre a história recente no Brasil, impulsionado pelo acirramento político e pela polarização que se apresentou, especialmente depois de 2013. Nesse cenário, o acontecimento tem sido objeto de intensas disputas em discursos e representações na cena pública. As informações contidas na obra do jornalista e o tipo de narrativa histórica que ela enseja, de alguma maneira, se coaduna e alimenta os argumentos recentes de negação do episódio (MENESES, 2019, p. 81).

Nesse sentido, é esperado que os estudantes já tenham tido contato com diversas narrativas sobre este período, e a questão que se coloca é quais discursos são esses? Nessa linha a atividade se desenvolve com o compromisso ético de fortalecer um ambiente solidário, democrático e crítico, reconhecendo a importância do debate sobre a ditadura civil-militar para a construção de um presente que não aceita discursos autoritários e perversos. Desse modo, pensar um plano de ação educativa sobre esse tema através do contato com fontes primárias é um formato pedagógico promissor, à medida que permite um engajamento crítico.

O enfoque da nossa atividade é a Guerrilha do Araguaia. Trata-se de um movimento rural armado de resistência à ditadura cívico-militar adotado por militantes do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) iniciado em 1966. Através da infiltração de dezenas de estudantes e trabalhadores de diversos estados do Brasil nas regiões do Bico do Papagaio (TO), esperava-se derrubar o governo militar. A escolha do local para tal disputa se deu pelo contexto já existente de violência estatal e marginalização da população da região, composta majoritariamente de camponeses e indígenas. Assim, esperava-se apoio dos moradores à guerrilha e, também, a demora do serviço de inteligência militar brasileiro de descobrir a existência do movimento.

Os militantes, de fato, tiveram interações amistosas com os moradores, alguns somaram-se às forças guerrilheiras ou ajudaram-nos em momentos de conflito. Entretanto, em 1972, foi



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: "O golpe de 1964 e a educação"

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

descoberta pelos militares a existência do foco revolucionário na região e logo a repressão estatal iniciou sucessivas investidas contra os guerrilheiros. Foram registradas três campanhas militares para desmantelamento da operação guerrilheira, sendo as primeiras duas um fracasso militar. A última operação, conhecida como Operação Limpeza, ocorreu por volta de 1975 e serviu para a destruição de evidências da repressão à guerrilha, mostrando o esforço do estado em esconder as violações aos direitos humanos cometidas sistematicamente naquele período. Estima-se que 69 guerrilheiros foram mortos pela repressão, mas apenas 3 corpos foram encontrados (ARQUIVO NACIONAL, 2024). Entretanto, a cultura do medo continuou na região e a repressão contra camponeses e indígenas não cessou.

O terror instalado na região associava-se não apenas às torturas, mortes e desaparecimentos, mas à insegurança, constante vigilância, controle por meio de ameaças, fiscalizações invasões e expulsões de propriedade que impactaram, sobremaneira, todas as formas de sociabilidade na vida da região (SOUZA, 2019, p. 67).

Nesse sentido, abordar a Guerrilha do Araguaia em sala de aula torna-se um desafio ainda maior: como tratar sobre a mais expressiva guerrilha rural no país sem um caráter sensacionalista nem reforçar discursos de defesa da repressão estatal? Se os discursos de defesa da ditadura militar escoram-se na falácia do perigo vermelho, como tratar da Guerrilha do Araguaia enquanto uma situação limite, em que diversos sujeitos se viram a viver empurrados pela clandestinidade, sem deixar de reconhecer a agência dos guerrilheiros na escolha dessa luta nem justificar a ação militar? A estratégia de não abordar em sala de aula a guerrilha devido aos desafios pedagógicos que o tema impõe não nos parece a melhor decisão. Em tempos de negacionismo, o debate franco, com fontes históricas confiáveis e diversas, instigando o olhar crítico dos estudantes, é o caminho. É esse o sentido que a atividade apresentada neste artigo busca seguir.

3. Educação Patrimonial e Ensino de História

Tradicionalmente, entende-se Educação Patrimonial seguindo o conceito desenvolvido pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) que a define enquanto



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

[...] todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação (IPHAN, 2014, p. 19).

Embora reconheçamos a importância deste órgão para a preservação e a difusão do patrimônio cultural do país, é importante destacar a especificidade da História em discutir as memórias selecionadas e colocadas em evidência na materialidade do patrimônio quando pensamos na Educação Patrimonial nas aulas de História. Cabe destacar, também, que não operamos com o patrimônio cultural enquanto *recurso explicativo* sobre a cultura e, sim, o patrimônio relacionado às referenciais culturais de cada grupo que, ao ser trabalhado em diferentes processos educativos, funciona enquanto um *caminho metodológico* ou uma *estratégia de ensino* potente.

Além disso, a Educação Patrimonial no ensino de História está assentada no tripé '(re)conhecer, valorizar e reparar (ou preservar)'. Seguindo essa ideia, é importante destacar: que na escola o patrimônio – objeto de estudo da EP – deixa de ser, por exemplo, um templo, um museu, uma estátua, uma celebração ou um espaço turístico para tornar-se *matéria de estudo*, sendo seu uso religioso, militar, político, lúdico ou turístico suspenso (GIL, 2021, p. 2, grifo nosso).

O patrimônio não se trata de um recurso para *reconhecer* a história, mas sim para *interpretar, analisar, debater e problematizar* aquilo que ele representa em sua materialização. Através de diversas fontes e recursos oferecidos pelas instituições de preservação ou outros espaços e práticas culturais é possível problematizar os aspectos que aproximam (ou tensionam) aquele material com o presente ou que representam uma identidade historicamente situada, mas sem necessariamente constituir uma *memória elogiosa* dela (DEMARCHI, 2022). Pensando especificamente na ação educativa descrita neste planejamento, ela ocorre em uma instituição arquivística tradicional com um rico acervo sobre a história da Ditadura Militar no Rio Grande do Sul. O papel da Educação Patrimonial no ensino de História pode assumir, nesse espaço, não somente a difusão dos documentos salvaguardados, mas situá-los histórica-socialmente, ou seja, apropriá-los enquanto matéria de estudo para a reflexão sobre aquilo que ele representa e suas interações com o presente.

Contudo, essa reflexão em torno do acervo da instituição e de ações educativas possíveis não é realizada em um vácuo. Ela ocorre na interação entre o patrimônio e os sujeitos afetados por ele, sejam eles os mediadores das atividades educativas, os educandos que participam desta mediação



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

ou os supervisores da instituição. Na prática, há pelo menos dois tipos de relações que ocorrem durante essas ações: entre o presente que interage com o patrimônio e o passado que este material foi constituído e entre o mediador/educador/supervisor e os participantes/educandos durante essa atividade. Portanto, é papel do mediador instigar as problematizações entre passado e presente deste patrimônio, considerando os sujeitos afetados por esse patrimônio, bem como, enquanto educador, estar atento à sua prática pedagógica.

Assim, essa pedagogia deve ser “a partir de uma perspectiva não apenas praticista e acrítica, de modo que os lugares de docência e discência sejam tomados em sua dimensão relacional e de coimplicação” (COSTA; MUNHOZ, 2020, p. 195). Uma mediação participativa, cujo centro é a relação temporal e dialógica desenvolvida durante a atividade realizada em torno do patrimônio enquanto estratégia de ensino, é o caminho para uma Educação Patrimonial tensionadora, corajosa, disruptiva e criadora.

4. Os jornais enquanto documento histórico educativo

Os jornais fazem parte das percepções da sociedade brasileira há muito tempo. As informações sobre questões sociais, políticas, culturais e internacionais são, em grande medida, adquiridas através dos meios de comunicação informativa. Hoje em dia, as notícias, na sua maioria, são divulgadas no ambiente digital através das redes sociais e outros meios mais difusos. Contudo, alguns anos atrás, as informações advinham principalmente de páginas de jornais impressos. Dessa forma, os jornais são documentos que contêm uma variedade de elementos e de significados, que constituíram e constituem a realidade social.

A utilização de documentos de imprensa nas aulas de História é uma experiência enriquecedora para estudantes e professores. Isso se dá, primeiramente, por ser uma fonte de fácil acesso. Certamente, os estudantes devem se deparar cotidianamente com matérias de imprensa. Sendo assim, o manuseio dos jornais é uma atividade prática e de fácil entendimento. Além disso, a exploração de folhas de jornal pode desenvolver a valorização da leitura, “que ultimamente vem sendo substituída por meios audiovisuais que garantem acesso à informação, mas coloca em segundo plano a prática da leitura” (ROLIM, 2002, p. 11). O jornal também pode facilitar a compreensão do



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

passado, já que concretiza acontecimentos históricos, que muitas vezes são tratadas na sala de aula de uma maneira abstrata.

Em um jornal, uma das principais questões para analisar é a intencionalidade da escrita de determinada notícia. A imprensa, assim como escritos históricos em geral, não é um meio de comunicação neutro, uma vez que é produzida por pessoas que operam a partir de ideias e objetivos previamente estipulados. A escolha do uso dos jornais possibilita que os estudantes desenvolvam um senso crítico a respeito do que está sendo escrito. Não significa que a imprensa deve ser desmerecida ou considerada não confiável, mas é preciso pensar a complexidade da escrita de uma informação (MARCÍLIO, 2022). Dessa maneira, manuseando as páginas no jornal, é possível também compreender o “não dito” - informações ou perspectivas que o veículo de imprensa optou por não mencionar.

É nessa relação entre o que foi escrito e o que foi escolhido apagar que o debate sobre ditadura militar brasileira se concretiza. Esse período da história recente do país é de suma importância para refletir sobre os direitos humanos, cidadania, democracia, liberdade de expressão, liberdade política, censura e controle social. Segundo a BNCC (BRASIL, 2018), nas habilidades EF09HI19 e EF09HI20, as questões de memória e justiça em relação àqueles que sofreram casos de violência dos direitos humanos e discussão sobre as formas de resistência durante esse período de opressão devem ser tratadas na sala de aula. Tendo em vista a ocultação de dados e conhecimentos - ação estruturada pelos órgãos oficiais -, há uma parcela da sociedade que rejeita a ideia de golpe e compreende a ditadura militar de maneira deturpada. Nesse contexto, o educador de História é o sujeito que deve tratar e esclarecer as interpretações deste momento histórico. Além disso, deve buscar formas de dar espaço para as Histórias dos subalternizados e sensibilizar os alunos sobre essa experiência autoritária.

5. A atividade “Nossos filhos na mata”: memórias e representações da Guerrilha do Araguaia

A atividade educativa é desenvolvida em três partes: a apresentação do acervo e história da Guerrilha do Araguaia, aprofundamento em dois grupos através de jornais e outros materiais e, por fim, a finalização com o todo da turma.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

5.1. Apresentação/Primeiros passos:

A mediação se inicia com a pergunta: “Qual a diferença de um arquivo histórico para outros tipos de arquivos, como um arquivo pessoal?”. O objetivo dessa pergunta é introduzir a ideia de memória coletiva, formação da identidade através do passado, a institucionalização dessa memória pelo patrimônio e de como para toda a seleção há também o esquecimento. Passa-se, então, a explicar os acervos que serão utilizados nessa atividade: acervo da mãe de José Huberto Bronca, Ermelinda Mazzaferro Bronca, hoje resguardado no AHRS, e acervo pessoal da irmã de João Carlos Haas Sobrinho, Sônia Haas, cedido pela mesma para esta atividade, ambos familiares de guerrilheiros desaparecidos no Araguaia. Durante a explicação, são analisados os elementos de como um acervo pessoal pode tornar-se histórico, e de que forma eles são o reflexo da luta dos familiares dos desaparecidos pela memória sobre o evento que marcou suas vidas.

Expomos, então, o seguinte documento para os estudantes:

FIGURA 1: Recorte do Jornal Zero Hora de 2004



Fonte: Acervo AHRS, 1976-2002.

Pergunta-se “Quais eventos apresentados nessa capa de jornal vocês já ouviram falar? Como? O quê?”. O objetivo é engajar os educandos a pensar sobre o Brasil Republicano



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

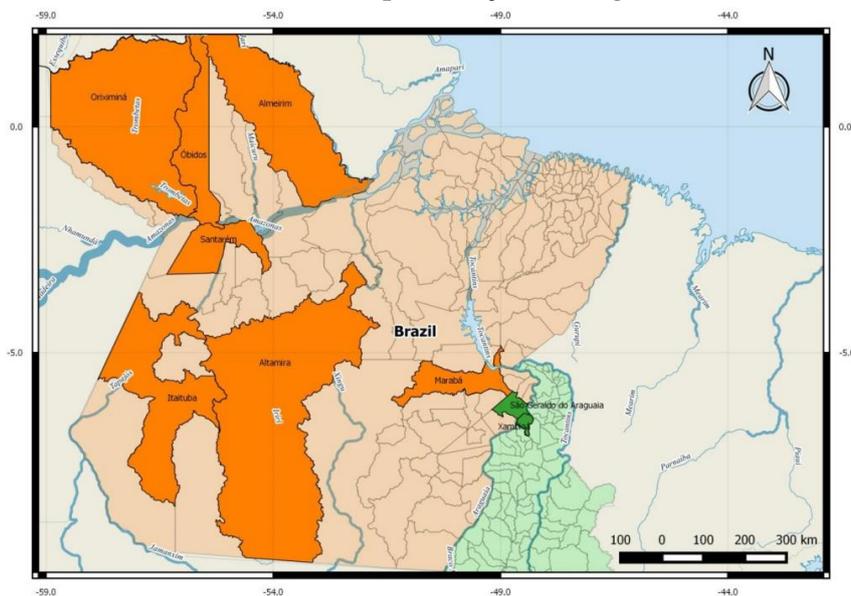
Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

representado na imagem e de onde suas percepções sobre estes eventos vieram (escola, casa, notícias...). Depois apresenta-se o seguinte mapa, para falar mais especificamente sobre Guerrilha do Araguaia, também descrito no jornal acima e localizar geograficamente os estudantes:

FIGURA 2: Mapa descrição do Araguaia



Fonte: Rafael Souza, 2019.

A partir disso, um momento expositivo dialogado é conduzido pelas mediadoras explicando sobre a Guerrilha do Araguaia enquanto evento limite no contexto da Ditadura Civil Militar no Brasil, e situa-se no mapa o local que este evento ocorreu. Para prosseguir, é apresentada a proposta de divisão em dois grupos que debaterão sobre a memória da Guerrilha do Araguaia, seus sujeitos e as diferentes representações do evento através de recortes de jornais. São feitas as perguntas: “Por que trabalharemos com jornais? Qual a importância do jornal enquanto documento histórico?”. O objetivo dessas perguntas é tratar dos jornais enquanto veículos de comunicação sobre o presente, mas que também tratam da memória de eventos do passado. Dessa maneira, forma-se um repositório de narrativas sobre acontecimentos históricos, um vestígio sobre o pensamento da época que foram produzidos. Dessa forma, é ressaltado como os jornais não são neutros, mas sim narrativas.

5.2. Divisão em grupos



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

Depois desse breve contexto, dando continuidade a atividade, os estudantes são divididos em dois grupos. Cada grupo recebe recortes plastificados dos jornais *Zero Hora* e *Tortura Nunca Mais* com enfoques diferentes sobre o tema das representações da Guerrilha do Araguaia e seus sujeitos. Além disso, os grupos recebem uma prancheta, folhas de papel A4 e canetas esferográficas azuis e pretas.

5.2.1. Grupo 1

O Grupo 1 tem enfoque na história de Osvaldão e Dina, além da problematização sobre o posicionamento dos militares, centrando-se na figura do Major Curió. Com a divisão dos grupos, é reiterado aos estudantes que eles têm à disposição folhas A4 e canetas esferográficas que podem ser utilizadas para anotar as informações e debates do grupo, além de ser um material de apoio para quando estiverem apresentando suas conclusões para o outro grupo.

Antes de ler o primeiro recorte, a reportagem é contextualizada, fazendo-se uma breve exposição do jornal *Zero Hora*, explicando que o periódico é do Grupo Rede Globo e que ainda está em circulação até hoje, mas suas edições se concentram no meio digital. Ademais, a primeira edição do jornal saiu em 4 de maio de 1964, apenas um mês e quatro dias após o golpe militar de 1964. Por conseguinte, é feita uma leitura em conjunto do recorte, ressaltando algumas informações consideradas pertinentes, como os guerrilheiros citados e a forma como Curió fala sobre eles.

Recorte 1:

FIGURA 3: Trecho do jornal *Zero Hora*, março de 2004



Fonte: Acervo AHRS, 1976-2002.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

Após a leitura atenta do recorte, é exposto um porta retrato de Dinalva Conceição Oliveira Teixeira, a Dina, que Curió cita ao longo da reportagem. Também é mostrada uma foto de Dina e seu companheiro Antônio, a capa do *Dossiê Ditadura: mortos e desaparecidos políticos no Brasil (1964-1985)* e um trecho do militar China sobre um confronto com Dina na mata do Araguaia.

FIGURA 4: Dinalva Conceição Oliveira Teixeira



Fonte: Memória, Verdade e Justiça - TO, 2013.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

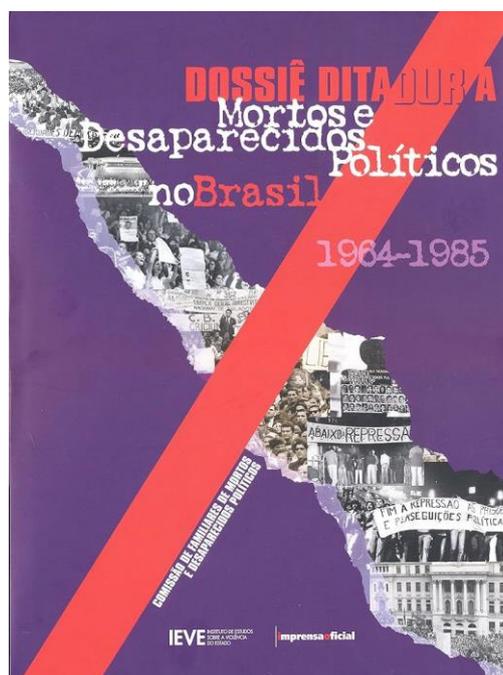
<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

FIGURA 5: Dina e Antônio no Araguaia



Fonte: Memória, Verdade e Justiça - TO, 2013.

FIGURA 6: Capa do livro Dossiê Mortos e Desaparecidos Políticos no Brasil (1964-1985)



Fonte: Reprodução Site PUC-SP.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

FIGURA 7: Trecho de depoimento de José Bezerra (China) sobre uma situação no Araguaia

- Foi tiro, seu sargento, foi tiro!
O sargento faz cara de bobo, abalxa-se, vira o corpo do soldado imóvel e lá está: mancha escura à altura do peito, sangue no nariz e na boca. O sargento ainda não acredita.
- Foi tiro... China...
o mateiro já havia sumido e a notícia corre até o último da fila desorganizada quando alguma coisa impressionante começa a acontecer ali perto, dentro da mata: risos, risos de mulher...
- É Dina! - um soldado grita.
"Dina, Dina", um vai repetindo para o outro, enquanto tentam se proteger, mas... onde? Não há abrigos, só mato e lama, os soldados nem sabem para onde apontar seus fuzis, e o sargento, inseguro, procura o mateiro:
- China... China... onde é que você está, desgraçado? o homem morreu aqui...
"Morreu, morreu", a notícia assusta e aquele riso volta à floresta. Os fuzis começam a ser disparados sem direção, sem alvo, alguns homens jogam-se no chão com as mãos na nuca e o sargento, fora de si, grita:
- Pára todo mundo com isso! Pára!

Fonte: (Corrêa, 1995, p.86).

Tendo como base os documentos apresentados são comentadas e ressaltadas algumas informações sobre a vida de Dina: Dinalva Conceição Oliveira Teixeira, Dina no Araguaia ou Naná na infância. É apresentado que ela era uma mulher negra nascida na Bahia, formada em Geologia pela UFBA, tendo trabalhado por algum tempo no Departamento Nacional do Petróleo, onde conheceu seu companheiro e também guerrilheiro Antônio Monteiro. Ela foi a primeira comandante mulher no Araguaia, era reconhecida por sua força dentro da mata e pela boa relação que mantinha com os moradores de Xambioá. A sua formação em Geologia auxiliou na convivência com os moradores, assim ela os ajudava nas tarefas diárias, especialmente na plantação (CAVALCANTI JUNIOR; PADRE, 2023).

Por sua postura firme e seu posto de comandante, Dina foi incessantemente procurada pelos militares. Uma das principais táticas adotadas pelo regime militar para lidar com a questão no Araguaia era a desmoralização da guerrilha e por isso seu objetivo era a morte de seus principais comandantes: Dina e Osvaldão. O próprio Major Curió na reportagem da *Zero Hora* afirma que “ela tinha muita importância, mas não tanta assim. Havia muito mito.”. Um dos principais mitos acerca



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

da figura de Dina era que ela se transformava em alguns animais, desaparecia na mata, como podemos ver no relato de China (CORRÊA, 1995).

A partir das fotos de Dina, também é realizada uma reflexão a respeito da ausência de informações e documentos sobre os guerrilheiros. No caso da Dina, especialmente, há poucas fotos sobre a sua participação na Guerrilha e da sua vida antes do Araguaia. A intenção ao compartilhar isso aos estudantes é expor justamente essa ausência de dados e o que isso acarreta tanto sobre as representações de Dina quanto sobre o que essa falta de fontes também diz.

Apesar da fala de Curió, na reportagem, tratar sobre a morte da comandante Dina, destaca-se que isso não foi confirmado, pois seu corpo ainda está desaparecido. De acordo com a Comissão Nacional da Verdade, entre 1964 e 1988, há ainda 434 pessoas consideradas desaparecidas (BRASIL, 2014). Ao longo dos anos de investigação, muitos relatos de militares foram ouvidos a fim de colher informações sobre onde estariam os corpos dessas pessoas. Os relatos divergem em muitos pontos.

Após a leitura do recorte, a exposição das fotos e dos documentos e as informações sobre a Dina, faz-se, com o objetivo de incentivar a análise crítica a respeito da complexidade por trás da construção de uma reportagem, o seguinte questionamento aos estudantes: “Na opinião de vocês, qual é a intenção da reportagem da *Zero Hora* em dar espaço para um comandante militar abordar a guerrilha e os guerrilheiros do Araguaia?”.

Dessa maneira, após a exposição e leitura do recorte da *Zero Hora* valemo-nos da mesma metodologia com o jornal *Tortura Nunca Mais*, ressaltando que foi idealizado pelo Grupo Tortura Nunca Mais, que iniciou suas atividades em 1976, mas que apenas em 1987 foi registrado como entidade civil. Na edição deste jornal, consta uma atualização das investigações sobre os corpos dos guerrilheiros que ainda não foram encontrados. O jornal também reitera a participação dos moradores de Xambioá/TO que ajudaram a localizar os corpos de alguns guerrilheiros.

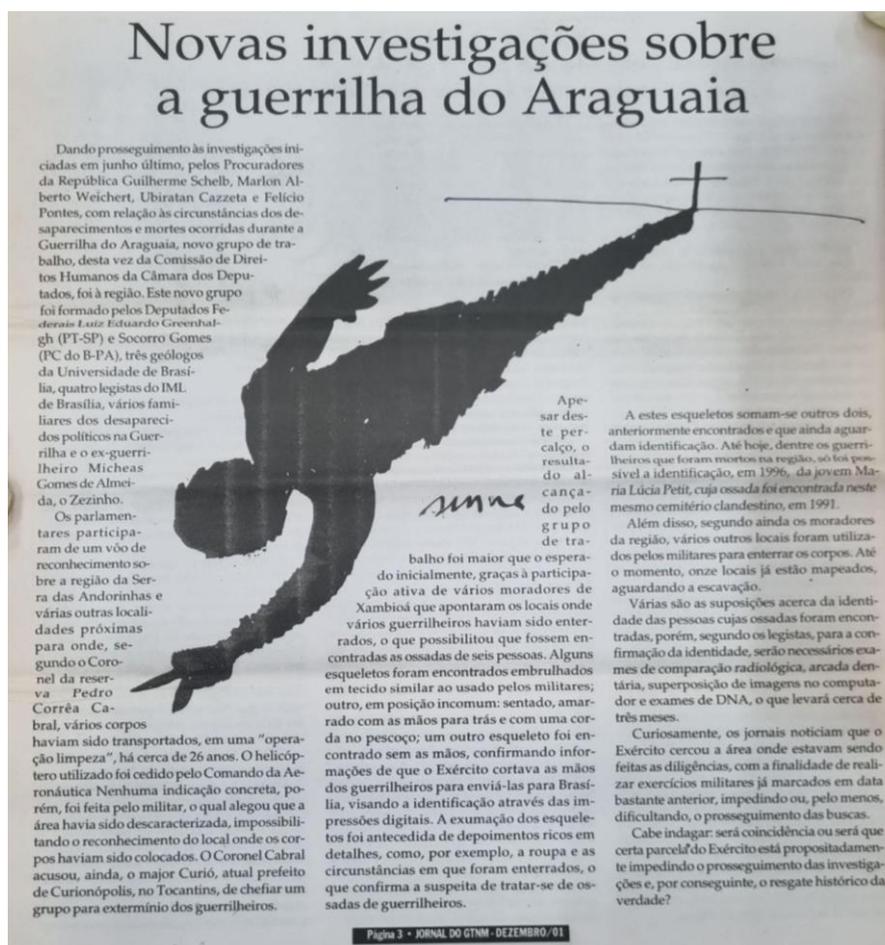
Recorte 2:



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.
Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>
<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

FIGURA 8: Trecho do Jornal *Tortura Nunca Mais*, dezembro de 2001



Fonte: Acervo AHRS, 1976-2002.

Após a leitura atenta do recorte, é também chamada atenção ao trecho informando que as investigações foram melhores do que se esperava, tendo em vista a participação dos moradores de Xambioá. A partir disso, é exposto para os estudantes sobre pessoas que viviam nas regiões do Araguaia antes da guerrilha ser montada (quem eram, como eram as moradias, como era a região e qual era a relação dessas pessoas com o Estado). Em seguida, são apresentadas três imagens: a foto de Osvaldo Orlando da Costa, o Osvaldão, preservada em um porta-retrato uma fotografia de sua família e uma imagem de Osvaldão no Araguaia.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

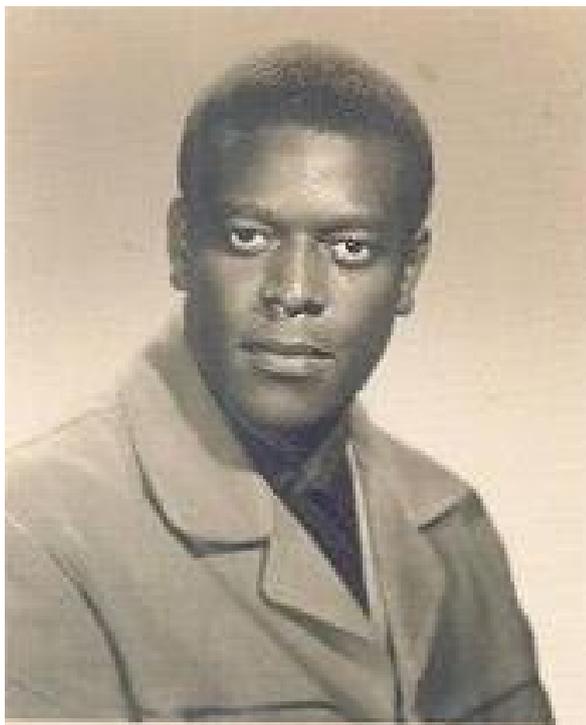
Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

FIGURA 9: Foto de Osvaldão



Fonte: Wikipedia, 2024.

FIGURA 10: Foto de família de Osvaldão



Fonte: Youtube, 2022.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

FIGURA 11: Foto de Osvaldão no Araguaia



Fonte: USP, 2023.

Tendo como base os documentos apresentados, são feitos comentários e destacam-se algumas informações sobre a vida de Osvaldão - que foi citado na reportagem 1 pelo Major Curió. Utilizando como referência Renata Petta (2018) e o documentário Osvaldão (2015), é apresentado que Osvaldo nasceu no interior de Minas Gerais, foi criado por seus irmãos, especialmente pela irmã mais velha, devido ao falecimento de sua mãe. Mudou-se para o Rio de Janeiro com 12 anos para estudar, e lá iniciou a sua trajetória política. Filiou-se ao PCdoB em 1958. Quando iniciou a agitação política no Brasil, viajou à China para receber treinamento político e militar, e, ao retornar, já se dirigiu direto ao Araguaia, sendo o primeiro guerrilheiro a chegar na região, em 1966.

Na região do Araguaia, os locais nutriam grande simpatia e admiração por Osvaldo devido à sua bondade. Ele mantinha uma relação harmoniosa com os camponeses e os auxiliava sempre que necessário. Após a execução do guerrilheiro, criou-se um mito a respeito de sua morte. Osvaldo era visto como uma figura imortal, que poderia se transformar em macaco, onça ou árvore. Sendo assim, após a sua morte, desenvolveu-se uma memória sobre a relação fraterna e solidária de Osvaldo com os moradores do Araguaia, sendo lembrado como um herói. Por último, é retratado de que maneira o Estado agiu de forma violenta contra a população para descobrir informações a respeito dos guerrilheiros.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

Em um último momento, após a leitura em conjunto de ambos os recortes e a apresentação de outros materiais de apoio sobre os guerrilheiros Dina e Osvaldão, são feitos os seguintes questionamentos aos estudantes: Como as investigações acerca dos guerrilheiros desaparecidos são retratadas em ambos os jornais? Qual o papel do depoimento dos militares nas investigações posteriores à Guerrilha do Araguaia? O objetivo dessas perguntas é comparar a maneira como os jornais se posicionam sobre a questão da Guerrilha no Araguaia, visto que o jornal *Zero Hora* traz um militar para falar sobre os guerrilheiros comandantes, enquanto o jornal *Tortura Nunca Mais* fala sobre as investigações dos desaparecidos na mesma medida que critica a participação dos militares na busca. Sendo assim, após essa última discussão, o grupo 1 retorna a se juntar ao grupo 2 para um posterior debate.

5.2.2. Grupo 2

O grupo 2 terá enfoque na forma como o jornal *Zero Hora* lidou com a memória dos “Anos de Chumbo”, na história de Bronca e de Juca e, por fim, nas lutas por reparação e memória dos familiares. O debate se desenvolve da seguinte maneira:

Recorte 1:



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

FIGURA 12: Trecho de Reportagem do Jornal Zero Hora de 1995



Fonte: Acervo AHRS, 1976-2002.

A atividade tem início com a contextualização e a leitura coletiva do primeiro recorte, dividida em blocos. Após a leitura do primeiro parágrafo serão debatidos os “anos de chumbo”, o AI5 e a clandestinidade. A seguir, com a leitura do segundo parágrafo, levanta-se um questionamento a partir da seguinte questão: “É possível equiparar as forças do Estado com as forças de resistência, como faz o jornal? Por quê?”. O objetivo desse questionamento é refletir sobre como o jornal equipara os crimes de Estado com as reações dos guerrilheiros neste contexto. Assim, pensa-se sobre quais são as diferenças entre a repressão e a cultura do medo promovidos pelo Estado, de forma sistemática e ferindo direitos humanos, e a reação de luta diante de uma situação limite.

Os últimos parágrafos serão lidos em sequência. Logo após será proposto o debate sobre o “manual de tortura”, citado no texto, e a tortura e a cultura do medo enquanto tecnologias de repressão utilizadas pelo Estado, passando à reflexão com a pergunta: “Vocês conseguem pensar em outras tecnologias de repressão que o Estado utiliza nos dias de hoje?”. Essa pergunta busca



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

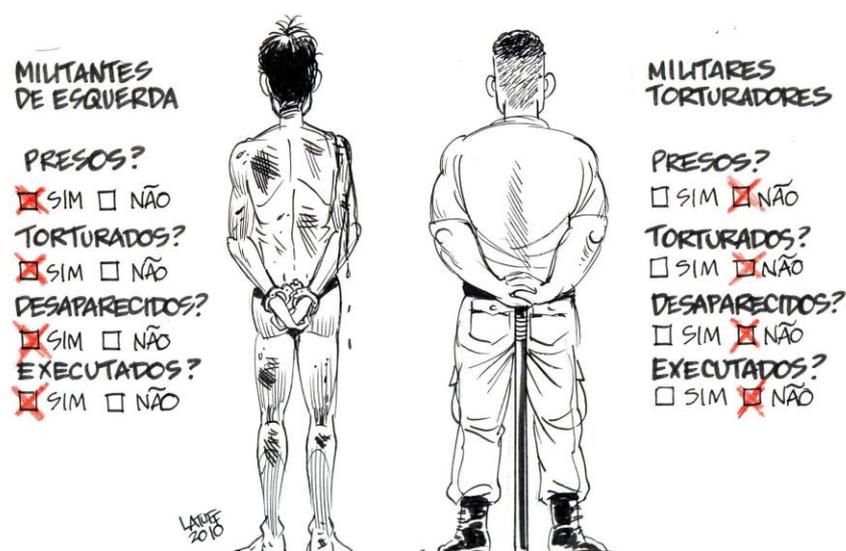
Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

investigar continuidades e rompimentos nas práticas repressivas do Estado e como elas são percebidas nos dias atuais. Seguindo a leitura do recorte, passamos para o quadro “crimes guerrilheiros” / “crimes estado” para questionar sobre “Por que o jornal equipara duas forças tão assimétricas e com motivações tão diferentes?”. Neste momento compartilhamos a charge que Carlos Latuff enviou ao jornal do Grupo Tortura Nunca Mais, no ano de 2010. A intenção é estimular a análise crítica das motivações por trás da linguagem e da apresentação do jornal, bem como seus paralelos com as práticas da imprensa atual.

FIGURA 13: Charge de Carlos Latuff para a seção de cartas do jornal digital do Grupo Tortura Nunca Mais



Fonte: Tortura Nunca Mais, 2010.

Após o estudo do primeiro recorte, descrevemos brevemente a história de Huberto Bronca e João Carlos Haas, ambos citados na reportagem da *Zero Hora*, bem como seus familiares Ermelinda Bronca e Sônia Haas. Este momento tem o objetivo de tornar esses personagens mais próximos dos estudantes bem como criar conexões através da humanização de suas trajetórias, algo importante para a reflexão proposta a partir do segundo recorte.

Compartilham-se os seguintes documentos e fotografias:



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

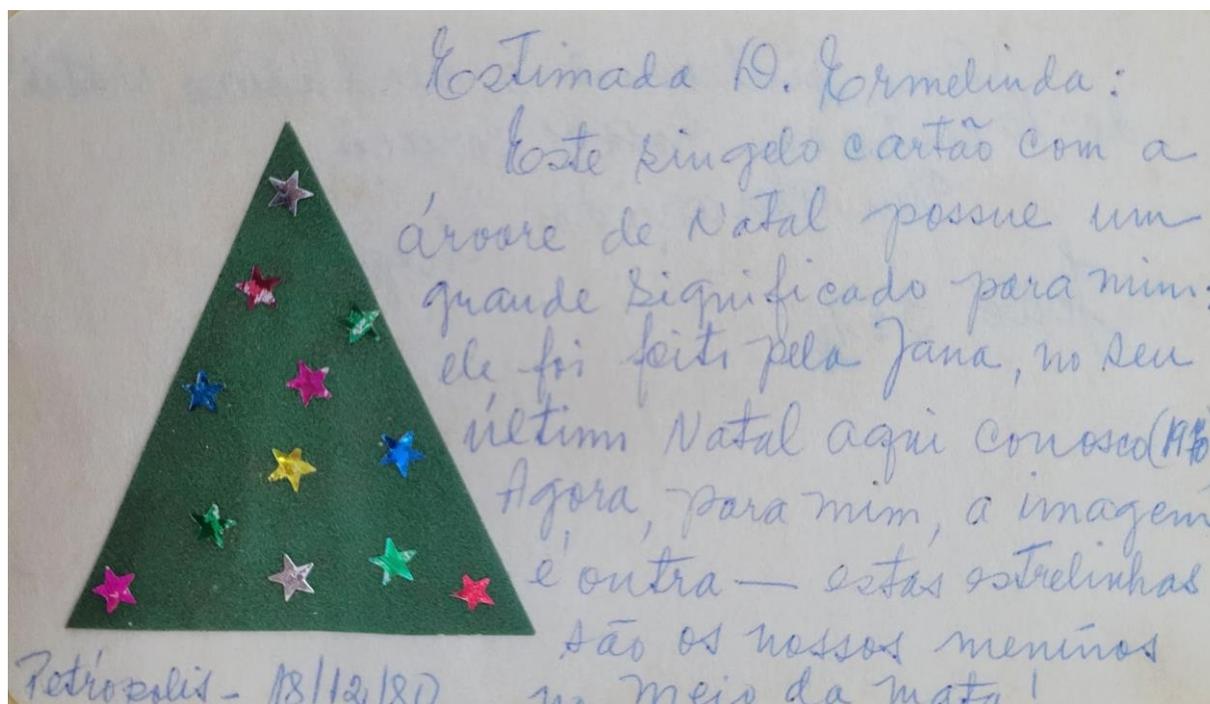
Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

FIGURA 14: Cartão Postal trocado entre Dona Ermelinda e Dona Cyrene, mãe de Jana Moroni Barroso, a Cristina no Araguaia



Fonte: Acervo AHRS, 1976-2002.

FIGURA 15: José Huberto Bronca



Fonte: Acervo AHRS, 1976-2002.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

José Huberto Bronca, militante e guerrilheiro, nasceu em Porto Alegre em 1934. Como membro ativo do PCdoB, após o golpe de 1964 passou a viver na clandestinidade. Um dos primeiros a chegar na região do Araguaia, ocupou a posição de Vice-Comandante do Destacamento B das forças guerrilheiras. Foi visto pela última vez em 25 de dezembro de 1973, quando foram atacados pelas Forças Armadas, no local do acampamento. Entretanto, o relatório do Ministério da Marinha registra que foi morto em 13 de março de 1974.

Sua mãe, Ermelinda Mazzaferro Bronca, soube do desaparecimento de seu filho através do jornal “Em Tempo”, que publicou uma lista com 253 nomes de mortos e desaparecidos. Desde esse momento até o final de sua vida, Dona Ermelinda empreendeu uma grande busca pelo paradeiro do filho, participando de entidades que buscavam por justiça e promoviam os direitos humanos, como o Grupo Tortura Nunca Mais, e formou uma rede de solidariedade com outras mães de desaparecidos vítimas da repressão, que pode ser percebida através das cartas disponíveis no Arquivo Histórico do RS.

Na sequência descreve-se a vida de João Carlos Haas Sobrinho, distribuindo as seguintes fotos para o grupo:

FIGURA 16: Formatura de Juca 1964



Fonte: Acervo Pessoal Sônia Haas.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

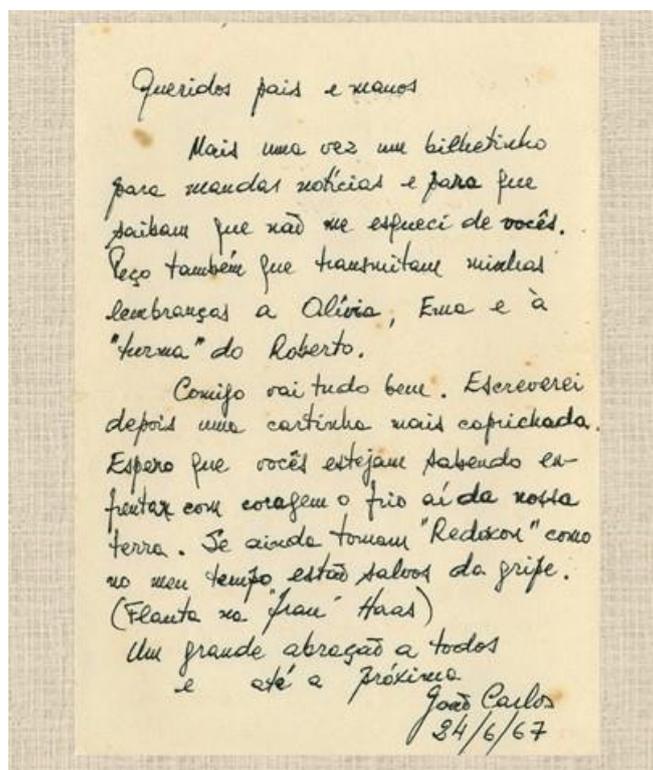
<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

FIGURA 17: Juca e primos em festa da família



Fonte: Acervo Pessoal Sônia Haas.

FIGURA 18: Carta enviada à família por João Carlos em 1967



Fonte: Acervo pessoal Sônia Haas.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: "O golpe de 1964 e a educação"

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

É apresentada, em linhas gerais, a sua história. Nascido em São Leopoldo (RS), João Carlos ingressou na UFRGS para cursar medicina e, a partir de sua vinda a Porto Alegre, teve contato com o movimento estudantil. Assim, tornou-se presidente da União Estadual do Rio Grande do Sul, que hoje leva seu nome em homenagem à sua trajetória, e também foi presidente do Centro Acadêmico Sarmiento Leite. Logo após o golpe de 1964, foi preso e quase teve sua licença médica cassada. Tal situação só não ocorreu devido à mobilização de alunos e professores da universidade. Em 1966 foi para a China fazer curso de guerrilha em Pequim. Ao retornar para o país, monta um pequeno hospital em Porto Franco (MA) e passa a ser querido pela cidade. A partir de 1968, passa a viver clandestinamente no Brasil, por conta da persistente perseguição dos militares, perdendo, desse modo, o contato com sua família.

Em 1969 sua foto aparece em jornais, acusado de assaltos na região, por equívoco ou contrainformação, o que o faz ter de mudar-se às pressas, inserindo-se no Araguaia (TO), onde passa a ser conhecido como Dr. Juca. Na guerrilha, foi responsável pelos serviços de saúde. Registros apontam sua proximidade com os moradores das cidades do entorno e camponeses, devido aos cuidados prestados. De acordo com registros recuperados pela irmã Sônia Haas na década de 1980, João Carlos foi assassinado com uma rajada de tiros, disparados por militares no dia 30 de dezembro de 1972, quando tinha 31 anos de idade. Em 2008 foram divulgadas fotografias de pessoas mortas pelo exército durante operações no Araguaia, momento em que Juca. Infelizmente, seu corpo nunca foi encontrado. Em 2011 foi ratificada sua certidão de óbito com morte atribuída ao Estado brasileiro.

Recorte 2:



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

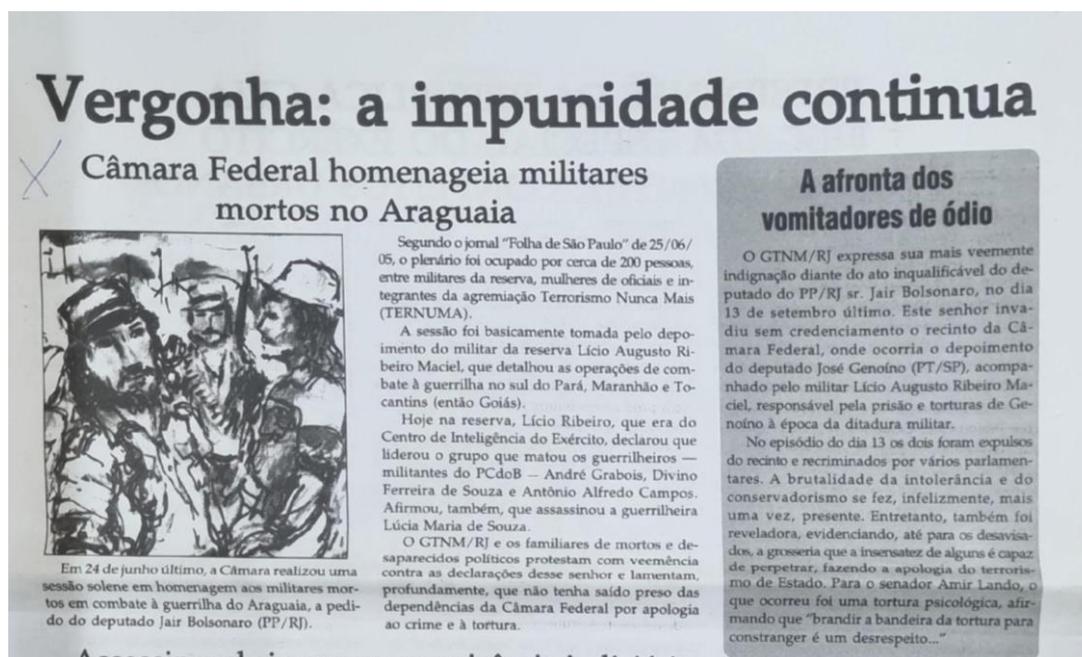
Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

FIGURA 19: Trecho do Jornal *Tortura Nunca Mais* de 2001



Fonte: Acervo AHRS, 1976-2002.

Após os estudantes terem entrado em contato com a história dos dois guerrilheiros gaúchos, é introduzido ao debate o segundo recorte do jornal. Este momento inicia com a leitura coletiva na íntegra. A partir desse material, e com o conhecimento prévio da história dos guerrilheiros e seus familiares, bem como a existência de grupos como o Grupo Tortura Nunca Mais, iniciamos a problematização: “O que representa o ato de homenagear os militares responsáveis pela morte e desaparecimento dos guerrilheiros para a construção da memória desses eventos? Qual a importância de grupos como o GTNM para a disputa dessa memória?”. O objetivo deste questionamento é despertar a sensibilidade e a reflexão a respeito de atos simbólicos que tensionam a representação desses eventos e a atualização da história passada a partir de conflitos do presente.

5.3. Finalização e avaliação

Terminado o tempo para discussão dentro dos dois grupos, os estudantes se reúnem novamente e compartilham, com o auxílio de suas anotações, as suas discussões, informações sobre as representações da Guerrilha do Araguaia e as histórias dos guerrilheiros. Ainda, a fim de estimular



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

o debate, acrescentamos os seguintes questionamentos: “Como vocês compreendem a luta dos familiares dos guerrilheiros por justiça e o modo como a mídia retrata essas pessoas?”. Após esse momento, entregamos aos estudantes as cópias plastificadas das seguintes imagens:

FIGURA 20: Captura de tela do Google Maps, marcando a Rua José Huberto Bronca, no bairro Sarandi



Fonte: Google Maps, 2024.

FIGURA 21: Memorial aos Mortos e desaparecidos da ditadura militar



Fonte: Luiz Muller, 2024.

Seguem alguns questionamentos “Vocês já estiveram nesses lugares? Sabiam do seu significado?”. Após esse momento, temos a exposição de um vídeo (do momento 1min56s a 13min37s) que contém um depoimento de Sônia Haas, irmã de João Carlos Haas, contando como era João e como é a luta de sua família pela verdade e memória dos guerrilheiros e demais



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

perseguidos políticos que morreram durante a ditadura militar. O objetivo deste momento é encerrar a atividade com um espaço de escuta ativa da luta dos familiares, reconhecendo a importância de uma memória respeitosa sobre a vida dos guerrilheiros do Araguaia. Após a escuta do depoimento a atividade é encerrada.

A participação e o engajamento dos estudantes com as atividades propostas, desde a leitura atenta dos documentos expostos até o diálogo e debate com os outros colegas é avaliada. O momento da finalização, quando os educandos têm a oportunidade de conversar sobre as informações descobertas com seus recortes de jornais e os materiais de apoio, é fundamental para as mediadoras perceberem como o trabalho lhes afetou e quais pontos lhes chamam mais atenção. Contudo, a participação, seja por perguntas, comentários ou apenas expressões de surpresa, dúvida ou espanto, que mostram algum tipo de engajamento no assunto, são percebidas e consideradas pelas mediadoras da atividade.

6. Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo apresentar a atividade proposta no Estágio de Docência em História - Educação Patrimonial, desenvolvida a partir dos acervos de Ermelinda Bronca e Sonia Haas e com base na análise comparativa de recortes dos jornais *Zero Hora* e *Tortura Nunca Mais*. Ao focar na humanização das experiências dos guerrilheiros Dina, Osvaldão, Bronca e Juca e ao promover uma análise crítica das representações midiáticas, o trabalho busca não apenas reconstituir eventos históricos, mas também fomentar uma reflexão profunda sobre a construção e a recepção dessas narrativas.

A proposta busca enfrentar o desafio pedagógico de abordar temas sensíveis e complexos, como a Guerrilha do Araguaia, evitando tanto o sensacionalismo quanto a perpetuação de discursos que justificam a repressão estatal. Rompendo com o silêncio ou a omissão, estratégias frequentemente adotadas para lidar com períodos controversos, a intenção é criar um espaço para um debate crítico e fundamentado. Por meio da análise de fontes primárias e da comparação de diferentes representações da Guerrilha e dos militares, os estudantes têm a chance de explorar as várias dimensões da história, reconhecendo a agência dos indivíduos envolvidos e as implicações políticas e sociais das narrativas apresentadas. Também é possível vislumbrar os múltiplos relatos e



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

a construção do imaginário a respeito do conflito, questionando a noção de história como uma verdade única e definitiva. Isso permite uma reflexão sobre o processo, sempre em disputa, pelo qual as memórias são formadas e atualizadas.

É essencial que o debate sobre a ditadura militar e seus impactos na sociedade brasileira continuem a ser abordado com a profundidade e a seriedade que o tema requer. A ocultação e a distorção histórica, ainda presentes em alguns discursos, exigem uma atuação contínua dos educadores na promoção de um conhecimento orientado para os direitos humanos e na valorização das histórias dos indivíduos marginalizados. A atividade aqui descrita contribui para esse objetivo ao oferecer uma metodologia que combina análise crítica, reflexão e empatia, promovendo um entendimento mais profundo e detalhado de um período crucial da história do Brasil. Portanto, a atividade não apenas enriquece a compreensão dos alunos sobre a Guerrilha do Araguaia, mas também fortalece o papel da educação histórica na formação de cidadãos críticos e conscientes.

Imagens

ACERVO PRATI. 1 fotografia. Meio digital: nov. 2013. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/fotosantigasrs/11017314655>. Acesso em 29 jul. 2024.

BRONCA, Maria Helena. Acervo Pessoal. 7 fotografias. Porto Alegre: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, 1976-2002.

HAAS, Sônia. Acervo Pessoal. 3 fotografias. Porto Alegre, 1964-1967.

GOOGLE MAPS. Rua José Huberto Bronca, Bairro Sarandi. 2024. 1 captura de tela. Acesso em: 20 jul. 2024.

JORNAL DA USP. **Atuação de mulheres e homens negros na Guerrilha do Araguaia é analisada em estudo da USP.** maio 2023. 1 fotografia. Disponível em: <https://jornal.usp.br/diversidade/atuacao-de-mulheres-e-homens-negros-na-guerrilha-do-araguaia-e-analisada-em-estudo-da-usp/>. Acesso em 29 jul. 2024.

JORNAL DO GRUPO TORTURA NUNCA MAIS. Charge da Lei da Anistia, abr. 2010. 1 fotografia. Disponível em: https://www.torturanuncamais-rj.org.br/jornal/gtnm_71/cartas.html. Acesso em 29 jul. 2024.

MEMÓRIA, VERDADE E JUSTIÇA - TO. A História de Dina - Dinalva Oliveira Teixeira, uma guerr(ilh)eira do Araguaia, ago, 2013. 2 fotografias. Disponível em:



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

<https://mvjtocantins.wordpress.com/2013/08/06/a-historia-de-dina-dinalva-oliveira-teixeira-uma-guerrilheira-do-araguaia/>. Acesso em: 29 jul. 2024.

MULLER, Luiz. **Memória e Verdade: Prefeitura de Porto Alegre abandona Monumento que conta parte da história da Cidade e do País**, 2024. 1 fotografia. Disponível em: <https://luizmuller.com/2024/03/31/memoria-e-verdade-prefeitura-de-porto-alegre-abandona-monumento-que-Conta-Parte-da-Historia-da-Cidade-e-do-Pais/>. Acesso em: 19 jul. 2024.

OLIVEIRA, Paulo. Naná do Argoim e Dina do Araguaia. **Meus Sertões**, 2017. 2 fotografias. Disponível em: <https://meussertoes.com.br/2017/09/20/nana-do-argois-e-dinamonte/>. Acesso em: 25 jul. 2024.

WIKIPEDIA. **Osvaldão**. Jul. 2023. 1 fotografia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Osvald%C3%A3o>. Acesso em 29 jul. 2024.

YOUTUBE. **Osvaldão (Documentário, 2015)**. 2024. 1 captura de tela. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cZEMVK2VtKo&t=2579s>. Acesso em 29 jul. 2024.

Vídeo

YOUTUBE. Depoimento sobre João Carlos Haas e o golpe militar. **Sônia Maria Haas**, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oUhWYNmh91g>. Acesso em 28 jul. 2024.

Referências

ARQUIVO NACIONAL. **Documentos do SNI: os mortos e desaparecidos na Guerrilha do Araguaia**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2024

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CAVALCANTI JUNIOR, Ary; PADRE, Gilneide. “As Dinas do Araguaia”: Trajetórias, idealismos e protagonismos contra a Ditadura Militar (1966-74). **Caminhos da História**, Unimontes-MG, v.28, n.2, p.103-122, jul./dez. 2023.

BRASIL. **Comissão Nacional da Verdade**. Mortos e desaparecidos políticos / Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, 2014. 1996 p.

CORRÊA, Carlos Hugo Studart. **O imaginário dos militares na Guerrilha do Araguaia (1972-1974)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 1995.

COSTA, Cristiano Bedin da; MUNHOZ, Angélica Vier. A aula como gesto: um princípio para a docência. **Revista teias**, [S. l.], v. 21, n. 63, p. 191–205, 2020.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>

DEMARCHI, João Lorandi. Rir do patrimônio hegemônico: outras epistemologias para refundar o patrimônio cultural. **Sillogés**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 26-55, jan./jul. 2022.

GIL, Carmem Zeli de Vargas. Educação Patrimonial no Ensino de História: reconhecer, valorizar e reparar. **Palavras ABEHrtas**, [S. l.], n. 4, out. 2021.

IPHAN. Educação patrimonial. História, conceitos e processos. 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf. Acesso em: 09 jul. 2024.

MARCILIO, Daniel Augusto Pereira. ENSINO DE HISTÓRIA COM O USO DE JORNAIS: abordagens para uma Educação Patrimonial Emancipadora. **Revista Espacialidades**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 437–454, 2022.

MENESES, Sônia. Uma história ensinada para Homer Simpson: negacionismos e os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade. **Revista História Hoje**, v. 8, nº 15, p. 66-88. 2019.

Osvaldão (Documentário, 2015). Direção: Ana Petta, André Michiles e Fabio Bardella. São Paulo: Sala Popular de Cinema Olney São Paulo, 2015 (80 min.)

PETTA, Renata Lemos. **A memória dos moradores do Araguaia sobre "Osvaldão"**: liderança, luta e resistência!. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

ROLIM, Rivail Carvalho. O uso do jornal para trabalhar com a noção de fato e tempo histórico. **História & Ensino**, [S. l.], v. 8, p. 63–84, 2002.

SOUZA, Rafael de Abreu e. **A materialidade da repressão à guerrilha do Araguaia e do terrorismo do Estado no Bico do Papagaio, TO/PA**: noite e nevoeiro na Amazônia. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Recebido em julho de 2024.

Aprovado em setembro de 2024.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

Revista Tópicos Educacionais, Pernambuco, v. 30, n. 1, p. 290-320, 2024. ISSN: 2448-0215.

Dossiê Temático: “O golpe de 1964 e a educação”

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/index>

<https://doi.org/10.51359/2448-0215.2024.263816>